

***Renascimento do Homem (1937)*, o ensaio-chave para entender a obra de Adonias Filho**

Robson Norberto Dantas

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Santa Cruz

E-mail: robsondantas1304@gmail.com

Recebido em: 20/08 /2015.

Aprovado em: 17/10/2015.

1 Introdução

Renascimento do Homem (1937) foi escrito por Adonias Filho “em seus anos verdes de Integralismo” (PÓLVORA, 2005) concebido como história das doutrinas filosóficas, com o objetivo de demonstrar que a Renascença desencadeou o naturalismo, o racionalismo, o cientificismo, movimentos, que engendrariam fases, períodos, etapas que levariam ao declínio da civilização cristã e a emergência do comunismo.

Em seu diagnóstico, a doutrina “liberal-marxista” teria destruído pouco a pouco os laços do homem com a fé, com Deus e com a moral, fazendo-o regredir ao primitivismo. Portanto, o homem moderno teria surgido de um “erro filosófico” derivado da concepção científica do mundo; erro que começou no Renascimento e descortinou para o homem novas perspectivas na ciência, criando novos métodos de investigações e de experimentações, sob o critério científico. O resultado teria sido extraordinário para a mente humana, que ganhou uma grande capacidade de análise de todas as coisas naturais. Entretanto, com o tempo, isso resultaria em um alto preço: o naturalismo, o racionalismo e o cientificismo teriam provocado uma revisão radical da ideia de Universo, inclusive, deslocando o sentido de homem, que passou a ser visto apenas como ser natural, sem espiritualidade.

Para Adonias, a Idade Média foi um momento importante de recuperação do homem. Nesse sentido, tudo indicava que, após uma longa vida primitiva e pagã decorrente da Queda, motivada pela rebelião contra Deus, ele caminhava para reconstituir a sua espiritualidade e voltar a ter uma conduta moral. Nesse processo de reconstituição de sua interioridade espiritual, a Igreja Católica medieval lhe teria dado um sentido para a vida, reconduzindo-o à unidade entre corpo e alma.

Entretanto, o medievalismo enquanto regime social foi ruim para o cristianismo. Se por um lado, ajudou o homem a se concentrar espiritualmente, por outro, cometera excessos que resultaram em uma época de opressão, origem de uma segunda rebelião. O efeito foi ruinoso, porque, ao revoltar-se contra o regime medieval, ele rebelou-se, inconscientemente, contra o cristianismo. Daí teria nascido o Renascimento, movimento de ideias que viria impor o paradigma do homem primitivo ou natural, ensejando, posteriormente, a criação do homem “liberal-marxista”.

Na argumentação de Adonias, o Renascimento levou o homem moderno a sua autoglorificação, ou seja, ele passou a “julgar-se força, movimento e causa da vida e de tudo”. Livre da Igreja Católica, o homem criaria uma nova doutrina filosófica, política e social, embora não de imediato, já que foi preciso alguns séculos para que a filosofia, de base racionalista penetrasse no espírito do tempo e na mente dos homens.

Na criação dessa nova doutrina, sob pressão, o homem se viu obrigado a buscar uma atitude passada, antiga, fazendo então renascer o naturalismo. Foi daqueles tempos pagãos que o homem tirou a sua filosofia anticristã, seus princípios, conceitos, postulados, sua doutrina filosófica, sua orientação política, sua posição social, enfim, tudo o que seria “anticristão”. Assim, o naturalismo (e a consciência antropocêntrica), teria feito renascer os caracteres primitivos de ser humano: a revolta e a belicosidade. Dominado e orientado pelos instintos, ele sacrificaria o espírito, o único elemento que o distinguiria dos outros seres da natureza. Necessitando de outra força que não a sua, ele a teria buscado fora de si: encontrou-a na natureza.

O naturalismo se tornou o eixo da vida, seu movimento e causa, e deixou o mal que nele existia desenvolver o egoísmo. Apoiando-se nele, o homem voltou-se para o seu próprio interesse, julgou-se maior que os próprios semelhantes. Nasceu assim o individualismo. Aí começava a se configurar o novo homem, profundamente egoísta,

com a vontade de querer todas as coisas; não se contentando com o seu entorno, ultrapassou fronteiras e passou a dominar todas as partes do mundo.

O triunfo do naturalismo foi decisivo, pois suprimiria o sentido cristão-medieval e o homem sobrenatural. Encerrando-se o período do antropocentrismo logo sucederia outro tão nocivo e degradante quanto ele, o cientificismo, que se inicia para “manter, aperfeiçoar e prolongar os caracteres em formação”.

Através do cientificismo, o homem foi pouco a pouco suprimindo a fé. Mas isso não teria sido de imediato, ocorrendo paulatinamente por intermédio de uma luta renhida entre razão e fé. No seu centro estaria a questão da “verdade”, a verdade científica e a verdade religiosa. Nessa luta, a verdade moral da religião seria destronada restringindo-se a uma só, a da ciência.

No entendimento de Adonias, a verdade proveniente da fé religiosa se manifestaria pela fé; tratava-se, portanto, de uma verdade revelada, por isso sobrenatural, já que “não se revela pela luz natural da razão, mas pela autoridade de Deus, que não pode enganar-se ou enganar-nos”. A fé religiosa exporia uma verdade que seria antitética à verdade formulada pela filosofia do homem renascentista. A verdade religiosa saiu do campo do conhecimento do mundo físico e ficaria restrita ao campo da moral.

No fundo, a filosofia racionalista procurava a “independência integral” da razão, para que definisse os rumos da ciência. Pouco a pouco ela passaria a ser o elemento caracterizador do ser humano: “a razão adquire uma soberania absoluta e penetra na vida para caracterizar a vida”. (ADONIAS FILHO, 1937, p. 64).

No diagnóstico de Adonias, no fundo, não haveria antagonismo entre o liberalismo e o marxismo, pois se tratava de sistemas com a mesma origem filosófica. Assim, em sua genealogia, a fase marxista existe em absoluta identidade com a fase liberal, mas os marxistas se projetariam como movimento doutrinário sem qualquer ligação com o capitalismo. No entanto, eles reproduziriam integralmente os princípios liberais. A passagem de uma fase a outra ocorreria por meio da “evolução de identidades”: política, econômica, cultural e moral. Elas evoluiriam de forma teórica e prática com o interesse de completar um “fim”, que seria a fase marxista.

Em relação à identidade moral, Adonias observa que a antítese entre ciência e religião teria sido outro fator de desequilíbrio. O

homem sem o sentimento religioso não conseguiria dispor de sua vontade livremente. Na Idade Média, o cristianismo dotou o homem do “problema moral”, isto é, da capacidade de discernir entre o bem e o mal; entretanto, o cientificismo “falso” lhe suprimiria a moral e ele teria ficado apenas com o “problema”. Destituído do problema moral, desde então a sua vida vinha sendo de conflito interior, de desorientação, pois passaria a confundir o bem com o mal e vice-versa.

O liberal-marxismo suprimiu o direito humano de auto-orientação, por isso teve de criar o Estado para contê-lo. O Estado moderno seria um “princípio” do liberal-marxismo, em razão de haver negado a liberdade humana de distinguir o bem do mal, aceitou apenas o mal. “É, portanto, o mal quem manda no mundo hoje, o que não será amanhã, com a ascensão marxista, quando apenas exista o homem sem o Estado?”.

Assim, o destino do homem moderno estava em aberto, pois ele vinha perdendo a fé em virtude do processo de expansão do marxismo, visto que a perda da fé religiosa e também política integrava o próprio marxismo. Confiando que as forças econômicas, por sua inevitável evolução, trar-lhe-iam “ascensão fatal”, o homem tornou-se cético e apático, passou a desconsiderá-las, desconsideração que não deixava de ser sua vingança, que Adonias interpretou como “desprezo estúpido dos cétricos”. Dessa forma, o ceticismo e a indiferença começavam a dominar os sentimentos da maioria dos homens submetidos ao regime liberal-marxista. “O cético não age, não se esforça, só acredita em sua descrença. Isso contribui para manter a ordem estabelecida”.

Adonias conclui o ensaio observando que o ceticismo e a indiferença dos adeptos do marxismo, por um lado, e o aguerrido combate levado a termo pelos movimentos nacionalistas por outro, eram os elementos que indicavam a possibilidade de uma “não objetivação” da fase marxista. Eram os elementos que respondiam a pergunta inicial: “a fase marxista conseguirá se objetivar? Não, a fase marxista não se objetivará”.

Em sua crítica, os pensadores liberais e marxistas acreditavam poder controlar a natureza humana por meio da ciência, da técnica e dos regimes sociais; mas falharam, porque o homem seria um ser incompleto, desde o pecado original.

Para Adonias, a natureza humana seria problemática, sempre instável, vivendo em meio a uma luta incessante entre matéria e espí-

rito, interior e exterior, corpo e alma. Nesta encontrava-se a substância divina eterna e incorruptível, acima do mundo das necessidades. Na alma ou no ser estaria a verdade absoluta, muito superior à verdade da filosofia e da ciência. Por isso, a insistência de Adonias de que a solução para o problema humano passaria pela introspecção do ser, ideia central da filosofia cristã de Santo Agostinho (1973, p. 350). O “problema do mal”, portanto seria intrínseco à natureza humana.

Na concepção católica de Adonias, o problema moderno, então, seria de ordem moral, já que o sentimento religioso havia sido abolido pelo cientificismo. Ou seja, a faculdade mais importante que Deus deu ao homem logo após a Queda, a de distinguir entre o bem e o mal, foi extinta por ele.

Parece-me que o pressuposto do “problema do mal” se situaria também no âmbito da tradição agostiniana, de que o homem seria uma criatura especial entre todas as coisas, por isso foi criado à semelhança divina, sendo dotado de corpo e alma. Deus o distinguiu com o “livre arbítrio da vontade”, para que na sua existência terrena se apartasse do mal. Em “Confissões VII”, Santo Agostinho afirma que a vontade humana corresponderia ao amor do Espírito Santo (junto com a do Pai e a do Filho), responsável pela criação do mundo. A vontade constituiria, portanto, o centro da personalidade humana. Seria criadora e livre. Nela se colocaria a possibilidade do homem se afastar de Deus e se aproximar do mal. Portanto, o mal ou pecado não seria algo necessário, mas seria uma escolha do livre arbítrio da vontade humana (AGOSTINHO, 1973, pp. 131/133).

Em *Renascimento do Homem*, foi assinalado que o domínio da matéria teria levado o ser a um estado de agonia; em outros termos, o contato com o sensível teria retirado o pouco da substância divina que lhe restava, levando o homem a mergulhar no remoinho do não-ser. Nessa perspectiva, Adonias considera que o homem moderno não teria condições de se salvar por suas próprias forças, uma vez que na luta consigo mesmo, precisaria de orientação para resgatar a sua espiritualidade. De acordo com a soteriologia de Adonias, o homem precisaria da religião e da arte para conter suas dificuldades estruturais de ser trágico, no entendimento cristão-católico.

Roberto Romano observou que o discurso teológico-político, portador de uma atitude soteriológica (a de salvação do homem), atualiza-se constantemente com os dados da cultura secular, racionalizando-se, inovando-se, para manter-se no mundo (ROMANO, 1979, p. 245).

É possível que argumentação católica de Adonias associe a filosofia cristã agostiniana com a visão antropológica de Oswald Spengler, autor citado de forma recorrente no ensaio de Adonias, que marcou a geração dos intelectuais integralistas, a exemplo de Octávio de Farias e Plínio Salgado. Não seria difícil constatar que assertivas da filosofia da história de Oswald Spengler, autor de *O Homem e a Técnica* (1993) tenham migrado para *Renascimento do Homem*, principalmente em relação à visão problemática da natureza humana.

Para Oswald Spengler, todos os animais seriam dotados de “alma”. Mas, dentre eles, o homem seria um animal superior porque possuía alma com perfil singular: sua essência seria divina e de difícil explicação, de tal forma que nem o conhecimento científico conseguira explicá-la. Porém, a alma do homem vivia em um mundo divinamente indiferente e cruel; por isso seria predadora, e ao mesmo tempo sem escolhas, pois nesse mundo, o homem via-se na contingência de dominar ou sucumbir. Quanto mais solitária fosse a sua alma, mais empenhado estaria em construir um mundo para si, menos necessidade teria dos outros seres e mais forte seria.

A alma do homem seria solitária e dominadora. Entretanto, à medida que vai progredindo, essa alma vai pouco a pouco se afastando da natureza. Para Spengler, o livre-arbítrio seria uma aberta atitude de rebelião, pois o homem como criador teria um desejo imenso de ultrapassar os limites da natureza. A cada invenção, ele se distanciava e se apresentava como um verdadeiro deus, hostil para com a natureza. Seria essa a narrativa de sua história universal, uma narrativa da cisão fatal que vai paulatinamente opondo o homem ao universo. Nesse sentido, seria a narrativa da ação de um rebelde que, livre das limitações materiais, voltava-se contra a natureza. Eis o destino humano: uma luta perdida contra a natureza, pois ela seria incomparavelmente mais forte.

Assim como em outros intelectuais dos anos 1930, Spengler seria presença marcante na argumentação de Adonias, particularmente na concepção de sua teoria de história.

Para circunscrever a concepção de história de Adonias, dois encaminhamentos se fazem necessários. O primeiro, seria circunscrever a ideia de tempo; e o segundo, acompanhar o processo de migração de conceitos de outros autores para o texto de *Renascimento do Homem*, ou seja, a articulação que ele faz entre a filosofia cristã e os dados de filosofias da história de matriz laica.

Na verdade, como já vem sendo sinalizado, para Adonias as sociedades cumpririam um destino vitalista, constituindo um percurso à imagem de um organismo vivo que seguiriam uma sequência temporal: nasceria, se desenvolveria, teria uma plenitude, decadência e morte. Tal concepção tanto poderia vir de Oswald Spengler, como de Marx Beer, autor socialista. Autores opostos em seus objetivos políticos, mas com argumentos e imagens retirados de um fundo-comum de ideias organicistas.¹

O que atrai Adonias em Max Beer é a ideia de que a finalidade única das lutas dos povos é a justiça social. Na história, a meta dos estoicos, comunistas, anarquistas, cristãos, internacionalistas foi sempre por uma nova “ordem moral”. Para Max Beer, o percurso dos povos compreende um movimento vitalista: nascimento, plenitude, desagregação, decadência e crise moral, como é o caso de Atenas e Roma, na Antiguidade. Desse conceito, Adonias retirou o elemento inconveniente – a luta de classes – e compôs a imagem síntese de sua filosofia da história: a Renascença foi um movimento cultural que, ao mesmo tempo em que afirmou o homem, engendrou os elementos de sua negação, a desagregação de seu ser (ADONIAS FILHO, 1937, p. 246).

Para Adonias, o tempo histórico seria comandado pelas ideias filosóficas dos grandes pensadores. As ideias se desenrolavam em busca de sua efetuação histórica em direção ao futuro, movendo-se em um processo dialético de afirmação e negação e uma fase engendrando os princípios da fase sucessora. O tempo seria concebido com certo pragmatismo e finalismo – nem todos os princípios teóricos se concretizavam no contato com a realidade, uma vez que esta se encarregava de despojá-los de seus elementos literários. Para a sua efetuação, as ideias filosóficas teriam necessidade dos fatos históricos, os quais as configurariam em poderosa estrutura mental capazes de comandar as experiências humanas de toda uma civilização.

Dessa forma, o tempo foi concebido por Adonias como continuidade e descontinuidade. A continuidade seria o tempo progressivo em direção à cidade de Deus, marcado, sobretudo, pelo episódio da vinda de Jesus Cristo e pelo longo domínio da Igreja católica na Idade Média. Entretanto, o projeto da cidade de Deus sofreria um abalo com a emergência da cidade dos homens, sujeita ao ciclo vital dos organismos, ideia presente em Oswald Spengler.

Nesse sentido, a Renascença e o seu regime social significariam um desvio do percurso da cidade de Deus. Adonias representou

esse desvio através da imagem da queda: “quem não sente a queda do mundo? Que são mesmo estas lutas, estes ódios, esta suprema anarquia, senão a queda do mundo?”. Na cidade de Deus, o tempo do espírito, eterno, estaria em um patamar superior, incorruptível, acima das contingências da cidade dos homens. A metáfora “renascimento” teria uma dupla perspectiva: o fim do comunismo e a retomada do percurso em direção a cidade de Deus.

Assim, pode-se considerar que Adonias se expressou por meio de uma filosofia da história que buscou nexos em dois registros: no cristianismo e na filosofia laica da história, que organizou a história global e ação de homens em uma chave teleológica. Em sua concepção de história, portanto, a cidade dos homens marcaria uma descontinuidade na construção progressiva da cidade de Deus, a grande obra começada depois da criação e continuada incessantemente por Abel, Noé, Abraão, pelos profetas, sobretudo por Jesus Cristo e pela Idade Média, mas interrompida pela emergência do regime liberal-marxista. Este significaria um interregno no percurso rumo à cidade Deus, provocado por um período de egoísmo, de individualismo, de violência, de sede de poder, de sede de lucro, enfim, um período em que homem estaria dominado pelos afetos mais terríveis, resultando em um destino de abismos, com a perda da consciência de sua experiência existencial. Essas ideias-chave deslizariam no decorrer dos anos para os primeiros romances de Adonias.

Em termos católicos, o autor de *Renascimento do Homem* seguiria a tradição agostiniana, ou seja, a visão de que o homem seria um ser sem fé, primitivo e decaído, havendo alguns fiapos de esperança apenas se ele buscasse a salvação de sua alma através de uma autoeducação espiritual. Ela o faria conhecer-se, para apiedar-se de si e dos outros e tornar-se socialmente útil, ou seja, o homem teria de amadurecer a sua consciência, voltando-se para dentro de si mesmo.

2 Imagens do homem liberal-marxista

É provável que os primeiros romances de Adonias ensejaram representações do homem liberal-marxista, principalmente na composição de personagens sínteses que representariam a ruína e

o renascimento do homem. A seguir, faço rápidas sinopses de *Os Servos da Morte* (SM) e de *Memórias de Lázaro* (ML), para constatar a sua relação com o ensaio *Renascimento do Homem*.

Os Servos da Morte narra o fracasso moral e familiar dos Duarte, cacauicultores do Sul da Bahia e figuras representativas dos homens primitivos, vingativos e sem moral que emergiram a partir do renascimento nas sociedades instituídas no “mundo moderno”, *locus* do homem liberal-marxista. A história de fracasso se repete no enredo de *Memórias de Lázaro*, mas aí surgem personagens que encarnariam uma moralidade cristã salvadora, em contraposição àqueles homens moldados pelo liberalismo e pelo marxismo, mas que também sucumbe diante da violência e do primitivismo da sociedade e de sua própria família.

Em SM, um dos personagens principais é Paulino Duarte, patriarca dos Duarte, homem rude e despótico, que agride verbal e fisicamente a mulher Elisa. Em vão, ela tenta mudar a natureza do marido. Esgotada, sabendo que seu fim estava próximo, ela arquiteta uma vingança contra ele: engravida de outro homem para lhe ferir o orgulho patriarcal e fazê-lo criar o filho pensando ser seu. Viúvo, Paulino cria os filhos “soltos como se eles fossem cães”, instigando-lhes o “instinto mal”.

Ângelo, o filho da vingança, inválido, sofre dos nervos. Vive pelos quartos miasmáticos da casa-grande da fazenda Baluarte. Alterna momentos de lucidez e alucinações, é espancado diariamente por Paulino e pelos irmãos violentos.

Na velhice, idoso e cego, Paulino passa o comando dos negócios da fazenda a seu primogênito, Quincas, que saiu como o pai: “um bruto capaz de tudo, capaz de morder e matar com um animal no cio” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 97). Ângelo descobre a identidade do verdadeiro pai e toma conhecimento do sofrimento que a mãe viveu. Promete vingança e lança na cara do velho a verdadeira história de seu nascimento. Enfurecido, Paulino tenta assassiná-lo, mas não consegue. A vingança começa a ser posta em prática; pouco a pouco o velho patriarca, sem a força de antes, açoitado por instantes de ódio e de culpa, torna-se uma presa da tirania de Ângelo que o martiriza diariamente, minando os seus nervos até a morte. O fim de Paulino é triste, morre “implorando um copo d’água” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 177). Na sequência de mortes entre os Duarte, Rodrigo, epilético e alcoólatra, assassina a filha do irmão Quincas e da cunhada. Amedrontados, os Duarte abandonam Ângelo sozinho

na fazenda Baluarte para que ele continue seu destino “insanável”.

Em ML, Adonias narra o percurso de “uma raça de homens oculta de Deus” que vive em um lugar imaginário chamado de Vale do Ouro, supostamente no Sul da Bahia. O personagem principal, Alexandre, por meio de monólogos interiores, de recordações de situações vividas e de conversas com Jerônimo e com outros personagens, procura compreender a sua existência e o mundo que o cerca. Ele é o homem decaído, no sentido católico, isto é, a criatura proscrita do Éden. O seu percurso fatídico – a morte – é marcado pelo conflito entre a vontade de liberdade e o cumprimento inconsciente do que lhe está reservado pela vontade divina, isto é, a de viver como degredado na natureza.

A angústia o devora por tentar entender o destino de desgraças de sua família: a mãe enlouquecera, o pai se matou e a sua mulher foi violentada e assassinada pelo irmão. Para completar seu sentimento de abandono e solidão, em um “universo sem Deus”, Alexandre é expulso do vale do Ouro, por ser suspeito da morte de sua mulher Rosália e do cunhado Roberto. Os habitantes do vale passam a temê-lo e tentam linchá-lo, mas Jerônimo, seu protetor, impede e comuta a pena em degredo. Errante, alhures, ele vive a “morte em vida”, como o Lázaro bíblico, em uma “planície de pedras”, entre delírios e alucinações. Tempos depois, um plantador de cacau o recolhe no interior da temível mata do Sul da Bahia. Pouco a pouco, ele descobre que há no mundo homens como Terto e Natanael, que conseguem dispor da vontade de liberdade e de praticar o bem e o amor, diferentemente das criaturas do vale. Em breve momento, quando chega à consciência de si, recuperando seu livre-arbítrio, Alexandre tem um colapso nervoso ao ver o parto da filha de Natanael, que dá à luz a uma criança deformada. A imagem horrenda o desespera: foge, embrenhando-se na mata, e sem saber como, retorna ao vale do Ouro, para cumprir o seu destino final, a morte.

Cotejando o *Renascimento do Homem* e SM e ML é possível constatar que os já assinalados pressupostos do homem liberal-marxista ali se transfiguraram em imagens de “instinto mau” e “instinto bom”. Personagens como Paulino Duarte e Ângelo representariam o fracasso moral, a maldade, a desagregação interior, a culpa e as tentativas frustradas de regeneração do ser. Atuando como imagem antitética, aparece a alegoria do “instinto bom”, através do personagem Natanael, símbolo do homem moral. Vejamos, então, como

ocorre esse desdobramento da linguagem positiva da doutrina católica para a linguagem ficcional.

Há dois grupos de personagens que tipificaríamos as tais imagens antitéticas. Paulino Duarte, Ângelo (e Alexandre) constituiriam o polo do homem patológico; e Terto, Natanael e, em parte, Jerônimo, formariam o outro polo, imagens sínteses do homem moral.

O histórico de vida familiar diz um pouco sobre quem seria Paulino Duarte. Sabemos apenas que era destituído de qualquer instrução e passou grande parte de sua vida incomunicável na fazenda Baluarte, “vivia com os animais do seu pasto. Já homem, dotado de incrível força física, distraía-se nas matas, o rifle na mão, protegido pela matilha de cães. Gastava dias na caça, a barba ruiva, os pés nas alpercatas de couro” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 12). Seu pai se juntou a “uma rapariga forte, liberta, vagabunda e instintiva [...] a linguagem baixa, mas era bonita”, antes de conhecê-lo, “rolou perdida, entregando-se, vendendo-se” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 11/12; 45). Enviuvou e entregou os negócios da fazenda ao capataz; o velho Miguel Duarte passava o dia bêbedo e jogando pôquer e o filho soltou na fazenda, vivendo como bicho.

Quando adolescente, Paulino Duarte era visto pela vizinhança da Baluarte: era “arredio e silencioso, intratável e sujeito a terríveis acessos de fúria”, quase matou a facão um empregado de uma fazenda da vizinhança. Em seu primeiro contato com o futuro marido, Elisa o descreveu como sendo um homem de corpo enorme, deformado pela rusticidade: “surgiu na sua frente como uma coisa hostil. Achou-o horrível, os olhos rasgados, os cabelos enormes, os braços curtos e grossos como troncos de pequenas árvores, as mãos chatas, o corpo alto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 24). Depois de casada, Elisa teve uma visão ruim do futuro que lhe esperava: “conhecendo o instinto mau, a natureza diabólica de Paulino Duarte, previu o destino de miséria que a esperava. Seria como um brinquedo nas mãos de uma criança perversa. Insanável, dera passo insanável que se refletiria sobre toda sua vida” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 30).

Para Elisa, o marido “era o senhor despótico, rude, dono também do seu corpo e pai dos seus quatro filhos (...) todos eles indomáveis, herdeiros da violência do pai, sobressaiu em seu pensamento à visão dos filhos adultos, ignorantes, estúpidos, irascíveis e perversos como o pai” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 36/37). Ela ainda nutria o desejo de poder mudar o marido, através da ternura, “mudar a sua

natureza do cão”, fazê-lo “sacudir a cauda e lambe-me as mãos” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 26). Enganou-se, sucumbiu ante a “violência, o despotismo veemente e inato” do marido.

No leito de morte de Elisa, Paulino não entendia porque era mau, “sentia que a maldade, aquela obsedante vontade de gritar e bater existia nos seus nervos como uma condição terrível. Os projetos feitos, todo o interesse em se transformar, tudo era inútil ante a pressão brutal daquela raiva, aquela danação sem origens, presente na sua natureza como instinto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 38). Um lado dele sentia piedade da mulher, vendo-a agonizar, mas, o outro lado, mais forte e incontrolável, tinha o desejo de espancá-la.

Paulino sentia-se preso a um destino de fracasso. Lembrava do pai de Elisa: estaria repetindo o destino de fracasso de Tomás Abreu, que, fazendeiro de cacau, tornou-se alcoólatra e viciado em pôquer; perdeu tudo, abandonou a família e fugiu. Paulino se perguntava: por que o “destino maldito”? (ADONIAS FILHO, 1979, p. 60).

Seu enclausuramento interior o fazia viver entre o passado e o presente. Já velho e cego lembrava que dezenove anos atrás pisara a mão de um filho pequeno; agora, após tanto tempo, a cegueira o fazia sentir angústia e medo da miséria da alma. Torturava-se por saber que Ângelo, filho de outro, era o prolongamento do ódio e da vingança de Elisa. Ele precisava lutar; exterminar Ângelo. A sua “natureza diabólica e autoritária” o impelia à destruição do outro. Às vezes lhe batia um arrependimento e tinha vontade de confessar esse ódio hediondo que o consumia, mas era impossível confessar. Falhado o plano de vingança, os dias finais de Paulino foram de “medo da morte”.

Outro personagem de SM, tipificando o fracasso moral do homem sem fé, primitivo e decaído era Ângelo. Na Baluarte, todos evitavam-no, fugiam ao vê-lo, exceto o irmão Rodrigo, alcoólatra e epilético e a mulher de Quincas, seu outro irmão. O narrador descreve Ângelo como “rústico, primitivo no seu desconhecimento do mundo, julgou-se uma sombra, uma forma viva desgovernada e medrosa” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 84). Vivia imerso em “silenciosas angústias dos seus monólogos”, pois o ódio que sentia por Paulino Duarte o oprimia, e não entendia porque tinha vontade de matá-lo. Era visto “falando sozinho, batendo palmas ou se dirigindo agitadamente aos cães [...] causava pavor, pavor e repugnância, sem sangue, sem carnes, a voz um sussurro gasto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 94).

Depois que a cunhada descobriu e revelou o segredo de sua origem, Ângelo entendeu que era instrumento de vingança, um “servo da morte”, preso à desgraça de Elisa. Pouco a pouco, a visão de si e do destino dos Duarte aumentaram-lhe o sofrimento interno. Comentou com a cunhada que “por nós mesmos, não valemos nada [...] estamos sujeitos ao que há de pior, de mais sórdido e grosseiro”; sozinho, se despedaçava de angústia “por ser incompleto”, pela “infâmia de ser corpo”, de sua “condição sofredora”. Em sua revolta contra a degeneração humana, pensava que “ser corpo era a última maldição – e Ângelo sofria; como despreza os homens ao vê-los tentar o prolongamento da vida!” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 151/174). Para ele, os Duarte eram “almas perdidas”, incapazes de compaixão e de solidariedade; alienado da realidade de seu entorno, olhava para si e via “a própria alma como sendo uma natureza incompleta e informe (...) como fazer para destruir a prisão, sepultá-la, antes que lhe viesse a morte? Que seria dele, da sua eternidade, se morresse assim?” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 186/187).

A imagem emblemática sobre o fracasso moral dos Duarte aparece no diálogo entre Ângelo e Rodrigo: “– Você acha que eu, nós, pessoas assim possam se libertar do passado? – Não, – disse Rodrigo – o passado que nos domina é uma miséria [...]” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 189).

Por essas representações de personagens sem fé, primitivos e decaídos, talvez, na visão de Adonias Filho, o advento da lavoura capitalista teria significado um retrocesso social e humano, lançando os homens em um caos moral.

O romance SM ensinaria uma mensagem: as famílias tradicionais do Sul da Bahia, embora tivessem erguido a ferro e fogo a lavoura cacaueteira, e o fizeram sem a ajuda governamental, apenas com o seu empreendedorismo, não teriam conseguido “segurar-se” diante de uma crise geral do país, fracassaram porque a sua degenerescência moral já vinha lhes corroendo os sentimentos e comportamento; isso já vinha de longo tempo, através do egoísmo e do amoralismo suscitados pelo capitalismo. Ainda nessa perspectiva, os homens, assim como as sociedades para se manterem em bases sólidas, teriam que ter um sentido moral em suas vidas, saber usar a vontade e a liberdade com finalidade superior. Sem isso, seria o caos moral. O pressuposto agostiniano aparece aí subentendido.

Em ML persiste a imagem regressiva do homem patológico,

principalmente no desenho do personagem Alexandre, agoniado entre a vontade de liberdade e a vontade sobre humana que o empurra à desgraça.

Para encerrar, considero o ensaio político *Renascimento do Homem* a base do que viria a ser o núcleo essencial das convicções de Adonias. Certamente, elas sofreriam mutações conforme as circunstâncias do momento, por isso os seus romances realizaram um movimento pendular, ora inclinando-se para uma postura cética em relação às contravenções humanas, ora apiedando-se do homem e crendo na possibilidade de sua regeneração.

Nota

Baseio-me na ideia de *fundo comum* de Myriam R. D'Allones. *Le dépérissement de la politique: généalogie d'un lieu commun*. Paris: Aubier, 1999. Apud Maria Stella Bresciani. *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. S. Paulo: Ed UNESP, 2005, p. 41.

Referências

ADONIAS FILHO. **Renascimento do Homem**. Rio de Janeiro: Ed. Schmidt, 1937.

_____. **Os Servos da Morte**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (1ª edição: 1946).

_____. **Memórias de Lázaro**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. (1ª edição: 1952).

AGOSTINHO, Santo. **Os Pensadores**. Volume VI. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. S. Paulo: Ed. Abril, 1973.

BEER, Max. **História do Socialismo e das Lutas Sociais**. Tradução: Horácio Mello. S. Paulo: Expressão Popular, 2006 (1ª edição, 1934).

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade. Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil**. S. Paulo: Editora Unesp, 2005.

CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco. In: **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; S. Paulo: CEDEC, 1978.

DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário. Imaginário político no Brasil dos Anos 30**. Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso; Medeiros, Cláudio Lima. **Memórias Improvisadas. Diálogos com Medeiros Lima**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

PÓLVORA, Hélio. “Palavras e Imagens de Adonias Filho”. In: **Memorial de Outono**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 84.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. S. Paulo: Kairós, 1979.

_____. **Conservadorismo Romântico. Origem do Totalitarismo**. 2ª edição. S. Paulo: Ed. Unesp, 1997.

SADEK, Maria Tereza. **Machiavel, Machiavéis: A Tragédia Octaviana**. S. Paulo: Símbolo, 1978.

SPENGLER, Oswald. **A Decadência do Ocidente: Esboço de uma morfologia da História Universal**. Tradução: Herbert Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964 [1ª edição: 1ª parte 1917, 2ª parte 1922], p. 39 e 47.

_____. **O Homem e a Técnica**. 2. ed. Tradução: João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1993 [1ª edição: 1931].